



A arte de trotar palavras

Aquém das retinas, de Mauricio Matos

João Pedro Fagerlande*

O processo de maturação tem como fim o açúcar – não apenas nas frutas, mas também nos livros. É o que nos mostra *Aquém das retinas*, escrito ao longo de uma década pelo estreado poeta Mauricio Matos.

Com uma linguagem precisa e enxuta, evitando tanto os hermetismos quanto as simplificações rasas, o autor demonstra saber a medida de cada palavra, de cada verso, construindo uma poética da esbelteza. O labor literário evidencia-se também no conjunto dos poemas, que, estabelecendo um claro diálogo entre si, em temas/metáforas recorrentes – como o cavalo, o mar, o samba, o cigarro, o candomblé, entre outros –, conferem organicidade e tessitura à obra.

Ao explorar a temática sugerida pelo título, o poeta nos apresenta um amplo desdobramento do “eu”, através das expressões “cavalo-de-mim”, “tabuleiro-de-mim”, “escravo-de-mim”, “violino-de-mim”, “inferno-de-mim” etc., desvendando os diferentes espaços de si, espaços que por vezes não se habitam de maneira harmônica (“Um vivo outro morto [...] / eu sei destes homens / por dentro de mim”).

Sendo o “aquém das retinas” o local em que se formam as imagens dentro do olho humano, onde um outro mundo é recriado através da visão individual, Mauricio elabora intensamente o uni-

* Mestre em Literatura Brasileira (UFRJ).

verso imagético do dentro-de-si, como em: “Então, expunha meus pulsos à faca divina, / mas deus não cortava os meus braços / e ria, profundamente ria, / cercado de insetos por todos os lados”.

Um dos grandes méritos do livro é dissolver a fronteira entre o erudito e o popular, numa escrita elegante com traços de oralidade. Percebem-se ecos tanto de poetas pertencentes ao cânone quanto de tradições à margem da cultura “legitimada”. Assim, deparamos poemas como “Santo Cristo, década de 1930”, dedicado aos carnavais de Joãozinho Trinta, em que a temática do samba é abordada em versos alexandrinos. Outro belo exemplo é “Azul e branco do Salgueiro, 1947”, em que se narra o épico nascimento da filha de uma porta-bandeira em pleno desfile de carnaval; o poema, seguindo a estrutura de estrofes de *Os lusíadas*, contém versos como “Ceci, tradicional porta-bandeira / em quem Fortuna dera uma rasteira” e “Pedindo inspiração a Oxumaré / depois de mais de dez doses de cana”, que, reunindo referências aparentemente díspares, promove uma rica harmonização inter-discursiva, na qual se fundamenta o estilo do autor.

O poeta se mostra um habilidoso contador de histórias, como se nota em “Ou senti-la também depois de morta” e “Caveira de burro”. O último se destaca pela tensão verificada entre a estrutura linguística empregada e o personagem descrito; por meio de uma sintaxe suave, cria-se uma atmosfera delicada, a princípio tranquila, porém o foco narrativo recai sobre um homem depressivo, fracassado até em sua tentativa de suicídio. Como exemplo podemos citar o trecho: “Fumava, / gastando o tempo que lhe era absolutamente inútil, / enquanto a memória perseguia, sonolenta e vã, / algum bem passado, ou pequeno gosto que fosse”. O conflito evoca um interessante jogo narrativo, em que o leitor se encontra –

e se perde – entre as diferentes sensações sugeridas, num contraste muito bem aproveitado esteticamente.

Outro contraste é explorado no soneto “Tão alto quanto um onze de setembro”. O poeta começa lançando versos de profunda grandiloquência, como nos mostra o primeiro quarteto: “tão alto quanto um onze de setembro / maior que um oceano em tempestade / mais longo do que toda a imensidade / conforme o que me lembro e não me lembro”. No quarteto seguinte, continua com versos expansivos e retumbantes, mas nos tercetos se contém, reduzindo a intensidade até fechar com “porém se perguntarem nalgum dia / por que desta maneira estou vivendo / direi que é só por ti minha maria”. O choque entre o espetacular e o comum, entre o desastre de um dos maiores centros financeiros do planeta e o amor do eu-lírico pela simples “maria” – com seu eme provocativamente grafado em letra minúscula – serve para ilustrar a tensão entre o além e o aquém das retinas, o desconcerto entre o eu e o mundo, alcançando-se aí talvez o ponto culminante do livro.

Não se pode deixar de ressaltar a qualidade técnica do poeta, que, além de dominar claramente a métrica e a rima, acerta na respiração dos versos e nas nuances da sintaxe. Cavalos-de-si, sabe discernir tanto a hora do galope poético quanto o momento de puxar as rédeas da voz, numa exímia arte de trotar palavras.

